

26/6/58

O deputado Mário Guimarães, udenista e fluminense, e um dos que mais ardorosamente pugnou pelo acôrdo com o PTB, e conseqüentemente pelo apoio udenista à candidatura do sr. Getúlio Moura ao governo do desventurado Estado do Rio, deu a um de nossos vespertinos uma curiosa entrevista a respeito da idéia de lançarem a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, como "formula" de conciliação. Declara o sr. Mário Guimarães que seria o primeiro a referendar aquela candidatura e a votar no Brigadeiro, mas logo acrescenta: "Mas não acho possível expor-se o Brigadeiro a perder uma eleição para um Getúlio Moura qualquer, sómente para satisfazer à vaidade do sr. Carlos Lacerda. Considero tal coisa, mais do que uma loucura, uma falta de patriotismo. O Brigadeiro é uma reserva moral deste país. Trata-se de um nome para ser usado quando a crise em que o Brasil se aprofunda cada dia exigir que se recorra às grandes soluções como Eduardo Gomes é". Eu não sou fluminense embora há muitos anos tenha trabalho para a carta desse Estado; não vou a Niterói há muito tempo, e Petrópolis, como diz o outro, é internacional. Quero crer entretanto que o relativismo, tão melancolicamente glosado por Pascal — verité au delà du Rhin, errear em deca — não se aplique de modo tão crú à nossa Baía de Guanabara. O fato é que para mim, carioca, a entrevista do sr. Guimarães é singularmente bizarra. O varão que ele admira, por isso mesmo que admira, é posto em baixo de uma reforma. E' reserva moral. Talvez fosse melhor dizer que é conserva. Não pode ser exposto ao ar. Deve ser guardado para o dia em que o Brasil chegar a um profundo nível de miséria e corrupção. Nesse meio tempo o sr. Mário Guimarães trabalha ardorosamente para que chegue depressa esse dia. Talvez tenha paciência de alcançar a feliz oportunidade de usar a referida reserva moral.

* Não concordando com a motivação, concordo entretanto com a conclusão do sr. Mário Guimarães, e com o próprio Brigadeiro, que parece não ter gostado da "formula". Na verdade não vejo crise nenhuma, nem motivo nenhum de espanto, no que aconteceu no Estado do Rio. Vejo apenas consequências e corolários das atitudes anteriormente tomadas pelos líderes udenistas. A formula que esperava do sr. Juracy Magalhães era outra, e muito mais simples: eu esperava que o ilustre senador caísse em si.

* Enquanto não se acha a formula, ou não chega o dia de usar as reservas morais, o país se alegra com as reservas físicas que deram aos pés brasileiros, em Gotemburgo, uma espetacular vitória sobre os soviéticos. Estamos de parabéns. O futebol nivela as consciências, destroi as barreiras partidárias, aplaca as fúrias eleitorais, irmana as duas metades do Brasil. Foi entrevistado sobre o acontecimento D. Helder Câmara; foi ouvido o Prefeito da Capital; foi tirada da cama, para dar seu pronunciamento sobre o jubiloso evento, a senhorita Colombo que é, creio eu, misse Distrito Federal. O sr. Luiz Carlos Prestes teve a engenhosa idéia de telegrafar a equipe brasileira fazendo votos de vitória contra a equipe soviética. Com esse telegrama, o líder espera eclipsar na memória do povo aquela desastrada declaração de anos atrás, pela qual ficamos sabendo que, em caso de guerra entre a Rússia e o Brasil, o sr. Luiz Carlos Prestes torceria pela Rússia. No futebol torce pelo Brasil. E é por essas e outras que o jornalista, em artigo de fundo de um vespertino, declarou enfaticamente que o futebol é uma força de conagraçamento universal. Realmente, o futebol nivela as consciências, destroi as barreiras, igualiza as aspirações brasileiras.

* A morte também nivela e igualiza. Até ontem nós pensavamos que os Fados estivessem coligados com a situação, e empenhados em destruir os homens da oposição. Morreu o Rafael Correia de Oliveira. O Odilon Braga, que segurara a alça do caixão do ardoroso opositor uma semana antes, percorre oito dias depois o mesmo caminho, a mesma alça, na majestosa posição horizontal e

indiferente dos mortos que os vivos carregam para o derradeiro aposento. Agora chega-nos a iniausta notícia do desastre em Curitiba, e da morte do sr. Nereu Ramos que desempenhou papel de destaque na sucessão presidencial. *

Não! Em sã doutrina não podemos dizer que a morte nivela e igualize. O nivelamento existe na perspectiva do último lance de vida; a igualização se vê nos visíveis aparelhos que cercam o corpo tombado; a democracia da morte se observa no lado da terra que come igualmente as fações diferentes, que igualmente absorve humildes e poderosos. Mas lá do outro lado a morte diferencia como nada na vida diferencia. Peças a Deus o perdão que já os mortos, por eles mesmos, não podem pedir; e temamos, por nós temamos. A morte súbita e pública é o sino que nos lembra o princípio da sabedoria, que é o temor de Deus. Considera, leitor, cada um desses homens ontem prestigiados e poderosos, e hoje mortos. Considera e treme, porque o mundo de hoje, com seus inventos e suas agitações, aumentou os recursos da surpresa mortal. Ela vem de repente. Por fora ou por dentro. Queima-se um fusível, de um carburador ou de um coração, e lá vai o homem, grande ou pequeno — aqui sim, a democracia — para melhor ou para pior, e aqui a terrível distinção. Oremos e tremamos.

* Como seria bom se os homens responsáveis pelas vidas de tantos outros possuísem, em grau vestigial ao menos, o princípio da sabedoria!

* Mas falemos de outras coisas... Falemos por exemplo no sr. Sanchez Galdeano, ou nos senhores Sanchez Galdeanos, que ponho no plural por cuidar serem três, pelo menos, os que usam o mesmo nome. Não conheço nenhum deles, mas ultimamente, no espaço de poucos meses, vi aparecer no noticiário o mesmo nome em situações muito diversas. Na primeira vez o primeiro Sanchez era padrinho ilustre de um estrepitoso casamento em que, de baixo de chuva, compareceram ministros e magistrados da república. Na

hora dos abraços, a vermuta se estabeleceu entre noivos e ministros, entre Sanchez e noivos, entre magistrados e Sanchez. Na segunda notícia que li, dias atrás, o mesmo nome, Sanchez Galeano, designava um indigitado por crime de contrabando e suborno. No famoso negócio do usque a meio dólar que nunca entendi bem, esse segundo Sanchez tinha papel de destaque, igual ao destaque ao papel do padrinho, mas diferente no teor. Tão diferente que só podemos admitir que se trate de outro personagem com o mesmo nome. Agora, pela terceira vez aparece no noticiário, como aspirante à senatoria, ou à suplencia de senador pelo Espírito Santo, o terceiro Sanchez Galeano. Há de ser outro, diferente do mundano e do contrabandista; ou então estou doido. Ou então está doida a república. Quem não está doido é o sr. Sanchez Galeano, que só rasga o dinheiro dos outros.

* Como seria bom se os homens dirigentes tivessem, ao menos em grau vestigial, o temor da justiça de Deus! Na verdade, não vejo outra força, outro remédio para os humanos desconcertos, e particularmente para os brasileiros desacertos. Sem o Absoluto, fica tão relativa a maneira humana de julgar que chegamos ao ponto de glorificar o prevaricador, o contrabandista por exemplo, pelo simples fato de ser um prevaricador bem sucedido. Dá-se-lhe prêmios de elegância, e muitos abraços; convida-se para padrinho ou para senador, ao menos enquanto val bem a empresa que se vale das complicações fiscais e cambiais que sufocam o país e infelicita o povo. Não li no jornal a apreciação do sr. Galdeano sobre a vitória do selecionado brasileiro, mas é de supor que tenha vibrado de ardor patriótico e que tenha celebrado o feito com o mais fino usque de seu negócio. Como seria bom se os homens de nosso tempo pensassem mais lealmente, mais cuidadosamente, naquele momento inevitável em que a alma se põe diante de Deus. Mas parece que nossa civilização cristã esqueceu-se de Deus; ou deixou Deus guardado, respeitadamente, como reserva moral.